

HUAYHUASH

A o sul da Cordilheira Branca, Huayhuash, mistura paisagens deslumbrantes de muita neve e lagoas cristalinas com desafios fortes típicos das escaladas em gelo

Texto e fotos: André Dib

A fina camada de gelo na lona interna da barraca anunciava uma trilha exigente. Andar por 10 dias e 210 quilômetros em torno de Huayhuash, a impressionante cadeia de montanhas situada no centro-oeste do Peru, não seria tarefa fácil. Na primeira noite, já fomos recebidos com uma amostra de hostilidade: 15 graus negativos.

Meses antes, planejava uma viagem com dois companheiros, Luiz Guimarães e Ricardo Dantas, rumo às montanhas bolivianas, mas depois de todos os contatos feitos e as malas – digo mochilas – arrumadas, eis que surge o inesperado: guerra civil, aeroportos fechados e estrangeiros sitiados no país. Com a mudança repentina de panorama, decidimos rapidamente por Huayhuash, no Peru, que, anos antes, já tínhamos vislumbrado à distância, no caminho para a Cordilheira Branca.

A cidade mais próxima das montanhas de Huayhuash é Huaraz, a 350 quilômetros de Lima, no estado de Ancash. De lá, é preciso pegar um ônibus até Chiquián, deixando para trás qualquer resquício de civilização, e outro para Llamac, povoado fantasma ornamentado pelas luzes de candeieiros, que brilham palidamente pelas janelas das casas de adobe, na mais absoluta escuridão. Ali, armamos as barracas em um campo de futebol e dormimos ansiosos à espera da grande trilha.

Ao amanhecer, partimos em direção à Matacancha, passando pelo “Fueblo de Pupa”, em uma perna de seis horas sob o implacável sol andino. Levantamos acampamento e logo a temperatura despencou, condensando a parte interna da barraca. Nos olhamos e, silenciosamente assombrados, compreendemos o que estava por vir.

Antes de o sol nascer, nos garantimos com um café da manhã reforçado que nos encheu de ânimo para encarar o primeiro “paso” (passagem entre duas montanhas), o Cascanpunta, a 4.750 metros de altitude. De- ➤

ESPETÁCULO
A laguna Caruacocha, refletindo os nevados Yerupajá, Yerupajá Chico, e Jirishanca ao fundo. Espetáculo andino de rara beleza



pois da impetuosa subida, descemos a 4.100 metros em menos de uma hora, chegando a um vale onde escorria um pequeno córrego, que, alguns quilômetros depois, se tornaria o Rio Amazonas.

No próximo passo, Yanayana, as dores de cabeça (que passariam a ser constantes) não fizeram lembrar a altitude em que estávamos: 4.850 metros. Com o sacrifício, porém, vem a recompensa. Após oito horas de trilha, a paisagem revela a Laguna Chahuacocha, base de nosso acampamento. O lago que abriga cores incrédulas é cercado pelas montanhas Jirishanca, Sula Grande e Yerupajá, a segunda maior montanha do Peru, conhecida como devoradora de homens, por ser uma das escaladas mais difíceis do mundo.

No dia seguinte, contornamos o lago e, escurtando o estrondo de uma avalanche que desliza a alguns quilômetros dali, começamos a subir o "Faso Sula", com seus 4.800 metros, um dos mais difíceis da viagem. No trajeto, é possível contemplar três lagoas alimentadas pelo degelo de glaciares, com colorações que variam do verde-esmeralda a um tom quase irrealizável.

Já no alto, fascinados pela beleza que nos



rodeava, fomos surpreendidos por um homem com um rifle em punho e ficamos estéticos lembrando a história de dois israelenses que, dois anos antes, haviam sido assassinados no mesmo local. Para nossa sorte, porém, a figura tratava-se de José, morador local que fazia a segurança do povoado de Huayhuach, habitado por mais de dez famílias. A alternativa por ali era ir até um riacho e tomar um "banho" de gelo na água fria, antes de cair no sono congelando da "barraca frezera".

No quarto dia, o tempo cinzento e chuvoso não abalou nossa animação com a ideia de chegar logo à Laguna Vicuña, lugar que prometia, enfim, um bom banho, já que em suas imediações, há um poço aquecido por água vulcânica. Depois do "Faso Fortachuelo", com 6.700 metros, o tempo se abriu e descermos ansiosos para o prometido banho de águas termais na sombada banheira quente, anunciada pelos locais.

No primeiro rápido contato com a água, porém, descobrimos que o banho relaxante com que nos iludíamos, na verdade era água quase em ponto de ebulição, a um 80 graus de temperatura, o que tornaria um mergulho impossível...

PEQUENOS ANDIÇOS
Tudo esse acampamento gigante a preservação da cultura andina, que ainda é aplicada no modo de vida das pessoas.

FOTO: F. ENRIQUE DANIELLE RYTO

AS INTEMPÉRIES DA MONTANHA

Horas mais tarde, mais um imprevisto: luzes de lanternas desceiam em direção à nossa barraca. Tratava-se de um grupo de espanhóis carregando um integrante em estado preocupante, sobre uma maca improvisada. Dois dias antes, o rapaz, assalado por um edema cerebral, foi socorrido por uma enfermeira alemã, que o medicou com Diamox. Por sorte, o Luiz, nosso companheiro que é médico, diagnosticou o caso do espanhol que estava em estado de choque como um quadro grave de desidratação, potencializado pelo "tratamento" da enfermeira, tendo entrado em estado de coma. Sem opção, Luiz aplicou duas doses de corticóide intramuscular e começou um processo de hidratação lenta com uma gize unificada, pois o rapaz estava desidratado e não tinha forças para reagir. Horas depois, seu quadro melhorou e, no dia seguinte, foi removido a cavalo pela trilha.

O desfiladeiro das grandes altitudes se mostra muito intenso para todos. Começamos a subida do Faso Cuyac, o mais alto e cansativo da trilha, atormentados por uma dor de cabeça incessante. Quase chegados ao topo do passo, encontramos algumas pessoas tentando erguer um burrinho que transportava mantimentos, assalado pelo mal de altitude. Minutos depois, um grande condor espregueza seu provável banquete e espera pacientemente o animal que já agonizava. Chegamos ao Faso Cuyac passamos com os acontecimentos constantes que nos assombravam quase que diariamente, com mais presságios. Na descida ao acampamento Las Rocas, em fim uma boa notícia através do radinho de pilhas da guia Román, que, antenizado na frequência da rádio "Altura Digital", anunciava que um espanhol fora salvo por um médico brasileiro e já se recuperava em Cajatambo, a um dia de cavalo do local.

Fala noite, assistimos às intempéries do clima de Huayhuach e juntamos sob uma sequência de chuva forte, granizo e, em poucas horas, uma tempestade de neve que durou toda a noite, deixando uma camada branca pelo chão. Iniciamos o sexto dia deixando do caminho principal rumo ao Faso San Antonio, de onde avistamos o Sula Grande. O lugar foi cenário de uma das maiores histórias de sobrevivência do montanhismo, registrada no livro "Tocando o Vazio", do lendário escritor e alpinista Joe Simpson, que esteve naquela face em 1985. Em um dos visuais mais impressionantes de toda a jornada, contemplamos o palco daquela passagem trágica em uma das escaladas mais difíceis e ousadas da história.

FOTO: F. ENRIQUE DANIELLE RYTO



Começamos a descida por um lugar pouco habitual e, à medida que avançávamos, a trilha ficava mais escorregadia, já que o caminho estava coberto por lama e gelo. Depois de muita tensão na descida, deparamo-nos com uma encruzilhada, quando o guia Román parou e não sabia para onde ir. Anotamos nos diários de um penhasco escorregadio e ali ficamos esperando enquanto ele foi atrás de uma saída. Depois de meia hora, já começamos a imaginar a possível morte do guia, enquanto o sol e o vento nos castigavam silenciosamente. Meia hora depois, ele surgiu assustado com a situação da descida que se complicava. Começamos a nos arrastar pelos abismos de pedra e lama e, por várias vezes, quase despenhamos e pelos enormes penhascos em meio à escuridão de animais que por ali caíram tempos antes. Finalmente, encon-

PASO CASCA NA PUNTA
A esportista belga, com todas as provisões acomodadas em torno de burros, aproxima-se do Paso Casca na Punta, o último dos oito a ser vencido.



MARCA
Gracias nos
atrodora do País
frente aís, a quise
simos si il traca de
altitud, a traca
pelo in placcas do
andino



tramos um caminho até a “Quebrada Calines”, por onde Joe Simpson se arastrou em 1985 e, após nove horas de caminhada, chegamos à pequena Huayllapa, conhecida nos Andes. Sem luz elétrica e nenhum vestígio de automóveis pelos arredores, a única cidade do trajeto só é alcançada a pé ou a cavalo.

No sétimo dia, deixamos cedo da cidade de Huayllapa rumo ao Fuso Tapuash para o que seria uma caminhada tranquila, mas que acabou tirando nossa energia, confirmando que, em Huayhuash, não existe amenidade. Após quatro horas de subida infatiga, chegamos ao passo, a 4.900 metros, e avistamos o nevado “Diablo Mucho”, que iríamos subir na madrugada seguinte.

ATÉ O TOPO

Começamos a descida para Jashapampa e acompanamos a 4.400 metros, onde checamos todo o equipamento de escalada: cordas, crampons e piquetas. For volta das três da manhã, iniciamos o trekking de aproximação ao nevado sob um céu salpicado de estrelas. Ao amanhecer, no esperado terreno de gelo do nevado, os equipamentos de neve entraram em cena. Tudo pronto para a difícil subida em paredes escorregadias e abismos escorridos no gelo, já com a vista de outro

ângulo da cadeia montanhosa de Huayhuash e, mais adiante, da Cordillera Blanca.

As 11 horas da manhã, nossos pés pisaram o cume, a 5.400 metros, que curtimos rapidamente, pois tivemos que apressar a descida para fugir de uma tempestade que se aproximou repentinamente. Saímos do campo de gelo e, nos penhascos de pedra, aproveitamos o primeiro rapel de 50 metros, agarrado pela tempestade de neve que nos atingiu em cheio.

No trabalho de cordas para o segundo rapel, nos deparemos com um grupo de oito italianos desceiros paracionando a subida, e ficamos desorientados em um lugar deserto, expostos à tempestade com gelares, até descemos a um lugar seguro, totalizando 13 horas de empreitada, o dia mais longo da viagem.

Na Laguna Jashuacocha, um lugar lindo, descançamos um dia inteiro, envolvidos em um clima de despedida. Sabemos que dali pra frente teríamos um curto e fícil trecho de volta, de onde viamurbaríamos a outra face da cordillera que havíamos conquistado. Após nove dias de trilha, a sensação era de missão cumprida: conhecemos toda a cordillera vivenciando o contraste entre a beleza e a hostilidade daquele lugar de extremo, habitado por pessoas cujo senso de orientação está bem longe do nosso, naturalmente fundamentado no ambiente em que vivem. ❄

PELO CAMINHO

A caminho da laguna Yucunga, os ossos de animais chegam a metade do trekking de mais de 200 km, numa das mais duras rotas da cordillera peruana.

SERVIÇOS

Todos os serviços prestados por arnieiros, burros, porteadores e guias de montanha são cobrados em dólares e tabelados. As comunidades de campesinos (procurados das montanhas) são muito organizadas e possuem grande representação política, não é raro cobrar um passageiro dos turistas, taxas que variam de \$5 a \$30. Os arnieiros cobram \$10 por dia e cada burro sai por \$5, um porteador custa \$25 e o trabalho de guia, por dia, varia de \$60 a \$150 dependendo de montanha.

COMO CHEGAR

De São Paulo até Lima o trecho é operado pela TAM ou pela LAN. De Lima até Huaraz é só pegar um ônibus pela Movil Tours (www.moviltours.com.pe) ou pela Cruz del Sur (www.cruzdelsur.com.pe). A passagem custa entre 50 a 80 soles. De Huaraz - pela LD Busse Airlines (www.ldbusse.com.pe) partindo de Lima, fica entre 80 a 150 dólares.

ONDE FICAR

Se a ideia é ficar vários dias em Huaraz, procure se informar sobre a possibilidade de alugar um apartamento, além de andar mais em conta, é mais seguro. Existem opções desde hotéis mais baratos até hotéis que custam 15 soles por noite, com banheiro e quarto coletivo. Vale a pena castigar para procurar um lugar que atenda as suas necessidades.

Olivia's Bed and Breakfast
www.olivas.com

ONDE COMER

Você vai encontrar em Huaraz uma cultura diferente e com certeza, diferentes hábitos alimentares. É necessário escolher com cautela o que se vai comer, principalmente nos primeiros dias que o seu organismo vai estar se adaptando. Tomar somente água tratada e ter certeza que sucos, frutas e verduras têm sido foram preparadas com boa água.

OPERADORAS CORDILHEIRA BRANCA

PARA IR À MONTANHA
Galvis Expeditions
www.galvis-expeditions.com

CASA DE GUIAS
Parque Geológico 286
casa_de_guias@hotmail.com

OPERADORA HUAYHUASH

ARTIZON ADVENTURE
www.trekkinghuayhuash.com
0054-34-770881



EQUIPE
Com os equipamentos necessários para os trechos de escalada em gelo.



SOBRE O AUTOR
André D.B., nasceu em Curitiba/PR, vive atualmente em Brasília/DF desde no mês de maio de 2000. Iniciou a prática esportiva em 2002, na Cordillera Blanca, Peru. Fez um curso prático de escalada em gelo no Parque Nacional de Cordillera e no Huayhuash Tapes em 2008, na Bolívia. Desde então realiza algumas expedições dentro do Peru, como no Pico de Helina, entre outros. Iniciações e escaladas na América do Sul.

